

FACULDADE PERNAMBUCANA DE SAÚDE

**A TRANSFOBIA ATRAVÉS DA ANÁLISE DO FILME “UMA
MULHER FANTÁSTICA”**

**MARIA EDUARDA FAJARDO CORREIA RABÊLO
SUELLEN KARINE DO NASCIMENTO CONSERVA**

Orientadora: Emília Bezerra de Miranda

**RECIFE
2020**

RESUMO

Transfobia é uma forma de discriminação contra pessoas trans que pode ser manifestadas de diferentes formas como atos de violência física, verbal e psicológica, entre outras. Os casos de violência física podem chegar à morte, como no Brasil. Segundo a Associação Nacional de Travestis e Transexuais - ANTRA, cento e vinte quatro (124) pessoas trans foram mortas em 2019. Esta pesquisa tem o intuito de analisar, por meio do filme chileno “Uma mulher fantástica” de Sebastián Lelio de 2017, como a transfobia afeta a saúde mental de pessoas trans e como, em meio às adversidades e à solidão, é possível encontrar resistências para além de suas posições de vulnerabilidade. Foi feita uma pesquisa bibliográfica sobre a transfobia e a relação com a saúde mental de pessoas trans, assim como uma análise fílmica. Entende-se que esta pesquisa pode acrescentar conhecimento às áreas da psicologia social e saúde, problematizando o tema da transfobia e as experiências de transfobia vivenciadas pelas pessoas em seu cotidiano.

Palavras-chave: Psicologia. Transfobia. Transgêneros. Transexuais.

ABSTRACT

Transphobia is a way of discrimination against trans people that can be manifested in different means with acts of physical, verbal, psychological and other violence. The cases of physical violence can lead to death, like in Brazil. According to the National Association of Travestis and Transexuals - ANTRA, one hundred and twenty four (124) trans people have died in 2019. This research has the purpose of analysing, through a Chilean movie “A fantastic woman” by Sebastian Lelio, how transphobia affects the mental health of trans people and how, in the middle of adversities and loneliness, it's possible to find resistances beyond positions of vulnerability. It is known that this research can add knowledge in areas of social psychology and health psychology, problematizing the theme of transphobia and the experiences these people live in their day-to-day life.

Keywords: Psychology. Transphobia. Transgenders. Transexuals.

SUMÁRIO

I.INTRODUÇÃO.....	1
II.JUSTIFICATIVA.....	6
III.OBJETIVOS.....	8
IV. MÉTODO.....	9
V. ANÁLISE.....	10
VI.CONCLUSÃO.....	17
VII.REFERÊNCIAS.....	18

I. INTRODUÇÃO

Existem várias nomenclaturas que diferenciam as pessoas trans, evidenciando a complexidade dessas experiências. Dentre muitos termos existentes vamos tratar neste artigo de travestis, transexuais e transgêneros. Segundo Judith Butler (2010), a comunidade trans, entre elas travestis, transexuais e transgêneros, é mais susceptível a sofrer violência ou abuso por transgredirem as normas e coerência entre o sexo e gênero.

No Brasil, Gomes de Jesus (2012) afirma que o termo travesti é antigo, e foi quase sempre utilizado em um sentido pejorativo, como sinônimo de “fingir ser o que não é” para denominar mulheres normalmente nascidas na periferia, que eram expulsas de casa por “se travestir”, e que trabalhavam exclusivamente com a prostituição.

As travestis existiam antes da visão da medicina, que a partir dos anos 90, definiu um nome para as pessoas trans foi algo proposto pela ciência médica para denominar como “transexuais” as pessoas com mais poder aquisitivo na sociedade. Nesse sentido, torna-se uma identidade marginalizada, sendo ressignificada nos dias de hoje pela comunidade trans, muitas travestis se identificam mais com essa nomenclatura, pois vai para além da binariedade e é uma identidade política acima de tudo (JESUS, 2012).

Atualmente, segundo Barros (2014), o termo travesti está sendo usado cada vez mais pela chamada comunidade trans como modo de reivindicação e empoderamento pessoal. As travestis, transformaram esse termo, que originalmente era usado para estigmatizar tal população, para uma formação de identidade e reconhecimento, buscando uma melhora da posição das travestis dentro da sociedade e visando o combate a tais estigmas, por meio da luta política por direitos.

A definição de transexualidade é ainda muito contraditória. Muitos discursos referem-se como patologia, porém outros teóricos como Judith Butler, defendem que o gênero - homem, mulher - é, na verdade, uma construção social, sendo algo que não está finalizado, pois está em constante mudança, apontando para um conceito sempre inconstante e dinâmico. Assim, a transexualidade é tida como se enxergar com o gênero oposto ao sexo biológico, e sentir a

necessidade de fazer a cirurgia de mudança de sexo (ARÁN, et al 2008).

Coelho (2018) aponta que para Judith Butler, a própria construção de gênero é algo que não é identitário, sendo algo muito mais performativo, onde a performance se dá de forma imitativa, a partir de dentro das vivências que o sujeito já está inserido. Dessa forma, Butler critica o fato do sexo ser um fator determinante na construção de gênero, criticando também a necessidade de que alguém que nasça reconhecida socialmente com o sexo feminino se torne obrigatoriamente “mulher” devido a uma construção cultural.

Nesse sentido, derivando de Foucault, Judith Butler pensa o gênero como uma norma regulamentar, que serve como base para outros tipos de regulamento, sendo este um modo de vigilância dentro das estruturas modernas de poder (COELHO, 2018, p. 60).

Já a população transgênero se diferencia dos/as transexuais por não ter o desejo ou por não ter recursos financeiros para realizar o procedimento cirúrgico de mudança de sexo, pois é um processo bastante caro e complexo, além de envolver um grande investimento relativo ao tratamento hormonal e psicológico (ANTRA, 2017).

Nesse sentido, a portaria de N° 2.803, de 19 de novembro de 2013 amplia e redefine o processo Transexualizador no Sistema Único de Saúde (SUS), onde o atendimento para pacientes trans é dividido na modalidade ambulatorial e hospitalar, sendo acolhidos através do ambulatório para a realização de uma avaliação psicológica, médica, psiquiátrica, endocrinológica e entre outros profissionais. Por meio disso, pacientes trans passam a ter a possibilidade de realizar hormonioterapia/procedimentos cirúrgicos e acompanhamento multiprofissional através do SUS (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2018).

A pressão social na vida dos/das transexuais pode causar diversos conflitos e dúvidas psíquicas, já que são obrigados/as a se encaixar em padrões que a sociedade impõe. Tudo isso pode gerar desconforto e adoecimento psíquico, no qual a maioria acaba apresentando transtornos como depressão, ansiedade, entre outros. Esse sofrimento é aumentado quando existe discriminação pelas pessoas à sua volta, preconceito este que é experienciado por eles cotidianamente, dado o caráter opressor da sociedade (ALBUQUERQUE; PARENTE; SANTOS, 2017).

Como consequência desse preconceito, pode-se observar uma correlação com áreas particulares da vida deles, sua moradia. Nesse caso, áreas que inicialmente seriam como uma busca de proteção, no entanto muitos/as são expulsos/as de casa, ou não recebem apoio algum, por não aceitação da família e pessoas com que convivem (LONGARAY; RIBEIRO, 2015).

Portanto, existe nas comunidades trans e LGBTQIA+ um sentimento de solidão imenso por causa do preconceito sofrido diariamente, já que, eles não são acolhidos pela coletividade, em sua maioria. A visibilidade é importante para a aceitação pessoal e da sociedade para com quem está sendo representado/a, o índice de representatividade dos/as transexuais na mídia é muito baixo. Dessa forma, por quase não haver visibilidade, eles são mais massacrados, sentindo-se pouco confortáveis consigo mesmos e menos acolhidos pelos outros (CHAGAS; NASCIMENTO, 2017).

No âmbito familiar, o fato de não receberem apoio causa uma maior fragilidade psicológica; seus parentes, em muitos casos, carregam um preconceito enraizado, fazendo com que a família não concorde com a orientação de seu parente transgênero (OLIVEIRA, 2017). Em muitas situações há familiares que não compreendem ou respeitam as vivências de transexualidade, nomeando como “loucura”, “fase”, “pecado”, entre outros termos. Em casos extremos alguns/mas trans são expulsos/as de casa ou até espancados/as por pessoas próximas (LONGARAY; RIBEIRO, 2015).

Segundo Pickett, (2009, p.183) atualmente, ser transgênero se refere a pessoas que performam de modo a produzir uma não conformidade com as categorias tradicionais de gêneros. A transfobia é descrita como o medo e/ou o nojo emocional dirigido a indivíduos que não se conformam com as expectativas de gênero da sociedade. É comum que casos de transfobia não incluam somente ataques verbais, mas abusos físicos. Além de a comunidade trans não somente sofrer transfobia da comunidade heterossexual e cisgênera, mas do restante da comunidade LGBTQIA+ (PISCITELLI, A. A., 2013).

Este modo de transfobia verbal é extremamente problemática, visto que, como vimos acima, há uma grande probabilidade de acarretar sérios sentimentos de tristeza, ansiedade e melancolia, podendo afetar negativamente as pessoas de um modo que a sociedade em geral não

imagina. Além do que, tais discursos de ódio dão visibilidade para um olhar equivocado de visão de mundo que encoraja a sociedade a odiar os outros por serem diferentes do convencional e únicos (PISCITELLI, A. A., 2013).

Segundo Zucchi (2019), 94% das 602 mulheres trans que participaram de sua pesquisa já sofreram algum tipo de violência na vida, enquanto 57% relataram chantagem, extorsão ou violência policial. O escore de bem-estar psicológico médio foi de 63,2% sendo a maioria das mulheres pretas ou pardas, com endereço fixo, renda mensal de mais de 2 salários mínimos, oito ou mais anos de estudo e com religião.

Em 1997, o Conselho Federal de Medicina autorizou a realização de cirurgia de transgenitalização em pessoas transexuais no Brasil, desde então existe uma grande demanda por parte de pessoas trans que desejam fazer essa cirurgia. Existe um caráter terapêutico, já que muitos/as transgêneros sentem grande disforia de gênero e por esse motivo desenvolvem automutilação, ansiedade, depressão, entre outras doenças (ARÁN, et al. 2008).

Segundo o DSM-V (2014), a disforia de gênero diz respeito ao descontentamento afetivo e cognitivo de um sujeito com o gênero que é designado a ele, ou seja, a incongruência entre o gênero que é designado a uma pessoa e o gênero que é experimentado por ela (já que a mesma irá se identificar com um gênero diferente do de nascimento) pode causar grande angústia e sofrimento.

Segundo Arán et al. (2008), existem muitas etapas no processo assistencial para pessoas trans, entre elas: avaliação e acompanhamento com o psiquiatra, psicoterapia individual e grupal, hormonioterapia e tratamento cirúrgico. Além de em junção de muitos desses serviços o direito judicial de mudança de nome na certidão de identidade. Daí ser necessário um olhar especializado para esses indivíduos que precisam de tratamentos específicos.

Segundo uma pesquisa feita em São Paulo, com mulheres trans, não ter endereço fixo, uma menor escolaridade, problemas familiares e com os amigos, estar insatisfeita com os processos cirúrgicos já realizados, além de ter sofrido algum tipo de violência, entre a física, sexual, verbal ou extorsão e manipulação policial estão associadas a um menor bem-estar psicológico. Em contrapartida, mulheres trans que não tinham sofrido violência, tinham

endereço fixo, um bom relacionamento pessoal e se sentiam realizadas com os procedimentos cirúrgicos realizados, têm um maior bem-estar psicológico (ZUCCHI et al, 2019).

Além da psicologia da saúde, a área da psicologia social também tem sido de extrema relevância na vida da comunidade LGBTQIA+, principalmente para as pessoas trans. É necessário um ativismo social para uma melhoria de vida dessa comunidade e é com isso que a psicologia social atua para modificar os sistemas injustos da sociedade pós-moderna (CARVALHO et al, 2017).

A saúde mental da população trans é profundamente afetada pelos fatores já citados anteriormente e o foco desta pesquisa foi analisar a transfobia e seus efeitos na saúde mental da pessoa trans por meio de uma análise de filme. A obra em questão é “Uma Mulher Fantástica” de Sebastián Lelio que traz Daniela Vega no papel principal e ilustra a transfobia que a comunidade trans sofre no seu cotidiano. Transfobia essa que chega, na sua maioria, por meio de perguntas e olhares com muito preconceito enraizado e pode chegar a atos de extrema violência física ou até mesmo sexual.

Marina Vidal, interpretada por Daniela Vega, após o falecimento do seu parceiro, Orlando, percebe sua vida se transformando bruscamente, ela precisa interagir com a família do namorado e eles não a permitem ficar com nada do parceiro ou, ao menos, atender ao seu funeral. Além de precisar lidar com diversas violências sofridas por meio dos detetives e policiais envolvidos no caso por ser uma mulher trans, Marina ainda precisa entender seus sentimentos enquanto passa por seu momento de luto.

O luto e a melancolia diante da perda de alguém próximo pode ser caracterizado por: um profundo desânimo, inibição da atividade em geral, perda do interesse pelo mundo externo e incapacidade de amar. Ademais, diante desse processo pode-se ter a diminuição da autoestima e auto-acusações ancoradas num sentimento de culpa e punição (MENDLOWICZ, 2000, p. 2). Através desse ponto, percebe-se que Marina vivencia todo esse processo de luto, que por si só já é algo desestabilizante, afetada pela exclusão da família do namorado, pelo sexismo e transfobia da sociedade, e sem poder ter um momento íntimo sobre o seu próprio mecanismo de superar a dor.

II. JUSTIFICATIVA

Em pesquisa bibliográfica não encontramos artigos da psicologia da saúde que abordem a transfobia junto com a perspectiva da psicologia social e uma análise de filme, o que faz esse artigo inovador, pois aborda o tema perpassando e o entrelaçando por mais de uma área da psicologia, percorrendo um caminho contrário ao das concepções excludentes que predominam na sociedade acerca da transexualidade. É interessante por ser um conteúdo com informações sobre o tema da transfobia, articulando tal assunto importante na psicologia enquanto área da saúde.

Sendo assim, a pesquisa fornece novas reflexões, como a importância do nome social, os diversos sentimentos experimentados pela comunidade trans devido a transfobia e as diferentes formas de violência que as pessoas trans sofrem. Além de focar na saúde mental e vivência das transgêneros, transexuais e travestis e como aprendem a lidar com transfobia, ampliando conhecimentos anteriores sobre o assunto.

Em um campo de saúde e social é crucial falar esse tema por tratar-se de pessoas que demonstram um grande poder de resistência - mesmo sendo negligenciadas pela sociedade em geral - e que, portanto, ainda assim muitas vezes precisam de um apoio e acolhimento específico no campo da saúde mental, ou seja de profissionais qualificados/as.

O filme analisado neste trabalho é chileno, porém é interessante entender que o Brasil e o Chile são ambos países latino americanos e compartilham de muitas semelhanças culturais e históricas, como o processo de colonização e o uso do termo travesti, que é exclusivamente latino-americano, tornando-se válido a análise da obra. Além de serem do mesmo continente e terem culturas, climas e idiomas extremamente parecidos.

No Brasil existe uma violência brutal por grande parte da população, muitos reproduzem a transfobia sem nomeá-la e se escondem pela máscara social. Por ser um país miscigenado, o Brasil é conhecido como exemplo de tolerância com as diversidades, sendo elas LGBTQIA+, pessoas racializadas, entre outras minorias.

Acredita-se que o Brasil é um país sem preconceitos, porém o racismo, homofobia,

transfobia, sexismo, entre outros preconceitos estão somente mascarados e o Brasil, na realidade, não é uma utopia que muitos acreditam. Segundo o Boletim n 02/2020 da Associação Nacional de Travestis e Transexuais - ANTRA, o Brasil aumentou significativamente o número de assassinatos de pessoas trans em relação ao ano de 2019, que foi 124 durante todo o ano, já no primeiro quadrimestre de 2020 em meio à pandemia do novo coronavírus.

Essa pesquisa tem sua importância para a área da psicologia por filiar-se a uma psicologia crítica, em prol da justiça social, dos movimentos sociais, e da igualdade de direitos, gênero, entre outros. Ademais, a relevância da pesquisa também se faz presente no campo da psicologia da saúde, já que a população transexual conta com políticas públicas e programas ligados ao sistema único de saúde - SUS, para poderem garantir os seus direitos. Portanto, é de extrema importância na área de saúde por falar sobre a transexualidade e suas políticas públicas, as pessoas trans precisam de suporte especializado e profissionais dessa área devem estar a par de suas necessidades.

Entende-se como pesquisa também na área da Psicologia Social, sendo possível perceber a relevância de tal, pois além de ser produtora de conhecimento a respeito dos sistemas sociais é atuante determinante na sociedade. A Psicologia Social está sempre atuando para a melhoria da vida em sociedade e a redução do impacto das desigualdades (CARVALHO, COSTA JUNIOR, 2017).

Dessa forma, o artigo é publicável tendo sua relevância na colaboração com o conhecimento científico, orientação dos/as profissionais de saúde e para direcionamentos futuros de políticas públicas de saúde para todas as pessoas transgêneros.

III. OBJETIVOS

3.1. Objetivo geral:

Analisar uma experiência de transfobia, por meio do filme “Uma Mulher Fantástica” de Sebastián Lelio, problematizando seus efeitos na saúde mental de pessoas trans.

3.2: Objetivos específicos:

3.2.1. Visibilizar o debate sobre gênero e saúde mental no campo da psicologia e áreas afins.

3.2.2. Compreender como os impactos da transfobia afetam a saúde mental da comunidade trans.

3.2.3. Analisar os sentimentos que perpassam a vida das pessoas trans em um mundo com preconceitos cotidianos.

IV. MÉTODO

A partir dos objetivos citados foi realizado um levantamento bibliográfico bem como a análise do filme “Uma mulher fantástica” dirigido por Sebastián Lelio e protagonizado por Daniela Vega, mulher trans chilena que interpreta Marina Vidal - personagem principal do filme.

Quanto à pesquisa bibliográfica, as palavras-chave escolhidas foram psicologia, transfobia, transgêneros e transexuais, a escolha foi feita de acordo com o levantamento bibliográfico, foi pensado quais palavras seriam mais acessíveis para apontar os estudiosos para o artigo em questão.

A pesquisa adentra muitos fatores que entornam a comunidade LGBTQIA+ e principalmente a população trans, como a construção do gênero na sociedade atual, além de definições de termos específicos como diferença entre transexualidade e transgeneridade, assim como o significado do termo travesti e como ao longo dos anos seu conceito foi resignificado.

As dificuldades enfrentadas por essa população também foram abordadas, com foco na transfobia sendo base para violências e problemas na saúde mental, como a solidão do sujeito trans, a dificuldade de trabalho e problemas com a família. Para tais assuntos foram de extrema importância as teorias de Butler, Gomes de Jesus, Arán, Sampaio e Coelho.

Este trabalho se embasa em inúmeros autores e autoras para então fazer a análise de filme com costuras teóricas discutindo o que foi trazido durante todo o artigo. A análise foi composta por duas etapas, em primeiro lugar, descrever e logo após interpretar, ou seja compreender a relação entre todos os elementos colocados em análise, como as cenas, cores, fotografia, entre outros fatores, dependendo do tema e estudo proposto (PENAFRIA, 2009).

A ideia de utilizar a análise de filme é poder analisar as repercussões e críticas da vida cotidiana na cultura e mídia. O mundo cinematográfico pode ter uma narrativa somente de entretenimento ou pode ser uma forma de crítica social. Em ambos os casos, os filmes estarão sempre influenciados pela cultura e vida do cotidiano (ALMEIDA, 2007).

É interessante utilizar a análise de filme por ser uma ferramenta criativa e que entrega ao pesquisador a capacidade de lidar com situações que não seriam possíveis de ser alcançadas sem essa análise de filme. (CAMPOS, 2004).

V. ANÁLISE

O longa-metragem conta a história de Marina, mulher trans que adentra uma fase difícil da sua vida com a morte do namorado, que decidiu se divorciar de sua antiga esposa, com quem tem filhos, para ficar com Marina. Com o falecimento de seu namorado, Orlando, ela entra em contato com os familiares dele e então sofre atos transfóbicos verbais, psicológicos e físicos por parte de membros da família do falecido, detetives e policiais envolvidos no caso.

As primeiras cenas do filme mostram Orlando entrando num bar e indo de encontro a Marina, que está cantando, as cores da cena são vibrantes, demonstrando um ambiente caloroso e dramático, a roupa de Marina é vermelha, representando o amor, paixão e sexualidade. É possível ver de início que as cores são muito importantes para a criação do ambiente cinematográfico e para a interpretação das cenas do filme.

Segundo Stamato (2013), é crucial a escolha da cor dominante para um filme e suas cenas, essas cores são mecanismos do diretor de ampliar ou minimizar certas ideias. A cor dominante é aquela que está em grande parte da cena, seja em números, elementos ou filtro usado para a gravação, acentuando certos sentimentos no espectador, a partir desta se escolhe as demais cores utilizadas nas cenas do filme.

Orlando, interpretado por Francisco Reyes, sentiu um incômodo após um jantar entre os dois, portanto Marina resolveu levá-lo à emergência. À caminho do hospital, Orlando se sente tonto e cai das escadas, formando hematomas em seu corpo, o que eventualmente fará de Marina uma pessoa suspeita em sua morte. Após uma cirurgia não efetiva, Orlando faleceu e sua namorada, por ser a única presente no ocorrido, é entrevistada por um policial, onde ocorre o diálogo seguinte.

Diálogo 1

“Qual o seu nome?”

“Marina Vidal”

“É um apelido? Está com a identidade?”

Após o encontro com o policial, é possível enxergar que Marina está extremamente abalada, pois além de se sentir humilhada após o ato transfóbico, se sente perdida em meio a morte de seu parceiro e precisou realizar contato com um familiar do falecido, para contar o ocorrido. Ela sai do hospital sem ser vista, corre pelas ruas do Chile, em um cenário predominado pelo azul escuro, representando o desespero, tristeza, distanciamento e melancolia de sua situação.

Esse momento de desespero de Marina é entendido pela polícia como fuga da cena do crime, ela é visitada em seu trabalho por uma detetive que acredita que ela pode ter envolvimento com a morte de Orlando por conta dos hematomas encontrados no corpo do falecido. Durante a entrevista com a detetive, Marina sofre mais uma vez um ato transfóbico, por conta dos estigmas ainda muito fortes na sociedade.

A detetive diz que conhece outras mulheres trans e acredita que está sendo compreensiva, porém assume que Marina é uma profissional do sexo, e seu relacionamento com Orlando não era legítimo, simplesmente por ser uma mulher trans. Percebe-se que pessoas trans são muito comumente colocadas em posições de marginalidade, sem receber direitos ou oportunidades no mercado, além dos preconceitos diários.

Diálogo 2

"O senhor Orlando te pagava?"

“Nós éramos um casal”

“Então vocês se importam um com o outro, não era só sexual?”

“Era um relacionamento saudável e consensual entre adultos, por que pergunta?”

“Porque ele era velho o suficiente para ser seu pai”

O reconhecimento do nome social da população trans é um elemento determinante para a constituição da identidade dessas pessoas. A mudança do nome, portanto, aumenta a autoestima do sujeito e reduz o sentimento de marginalização, promovendo também a inclusão social (FIGUEIREDO, et al. 2018). Em alguns casos, a atribuição de um novo nome acompanha o processo de mudança do corpo, pois as pessoas trans nesse processo de transformação, que perpassa o corpo, são levadas a construir um processo identitário significativo, um novo nome, que dê sentido a um corpo que até então não se identificam (TEIXEIRA 2014, apud ROCON, et al. 2016).

No Brasil, o nome social se tornou possibilidade em 2016, porém era preciso passar por um processo judicial, além de que a pessoa trans necessitava fazer a cirurgia de readequação genital, que muitos da comunidade não tem o desejo de realizar, somente para adicionar o nome social ao nome de registro. Em 2018 o Supremo Tribunal Federal - STF, por meio da Resolução Nº 8, de 20 de setembro de 2018, entregou o direito do nome social para a comunidade trans, tornando possível a mudança total do nome de registro, sem a necessidade de cirurgias ou processos judiciais, onde a existência da pessoa trans estava sempre sendo questionada (Brasil, 2018).

A exclusão social que pessoas trans sofrem trazem diferentes consequências negativas, como por exemplo a dificuldade que existe em adentrar no mercado de trabalho e serem contratadas por empresas, estabelecimentos ou chefes autônomos. Nesse sentido, muitas vezes a única opção restante é recorrer à prostituição para conseguir se manter (MOURA, et al. 2019).

Assim, pelo índice alto de mulheres trans na atividade de prostituição, além do corpo trans e travesti ser marginalizado e visto como objeto que não merece ser amado, a sociedade trata essas mulheres de forma hegemônica, há sempre um ar de superioridade quando se menciona mulheres trans ou travestis, as enxergando como inferiores, a sociedade não lhes dá suporte e entende como se existisse somente um caminho possível para sua vida.

A expectativa social para todo sujeito é que siga a normalidade, ou seja, igual a maioria, portanto em uma sociedade cisgênero heteronormativa, quem for diferente de tal está errado, para muitos é visto como crime, pecado, tabu, entre outros conceitos (SAMPAIO, et al 2012).

Tal pressão social causa uma grande ansiedade e desconforto em qualquer pessoa que faça parte da comunidade. Essa lógica de sociedade visa excluir todos e todas aqueles/as que forem diferentes da norma, não lhes dando oportunidades ou direitos, mantendo-os/as sempre à margem (PINHO, et al 2016).

Em uma das cenas do filme, a ex mulher de Orlando se encontra com Marina e a obriga a devolver a chave do carro dos dois, ela chama Marina de Quimera, um animal híbrido e místico da grécia antiga, tendo a cabeça de um leão, o corpo de cabra e cauda de serpente. Ela a enxerga como alguém fora da realidade, uma junção de corpos que não fazem sentido, porém, pessoas trans não nasceram em corpos errados, a sociedade que deve se transformar para entendê-los/as.

A falta de representatividade na mídia e o medo e repulsa de contato com pessoas da comunidade, torna difícil o entendimento da sociedade sobre o assunto. Pode-se perceber que a ignorância gera ainda mais transfobia, ressaltando a importância de artigos e pesquisas sobre as pessoas trans e suas vivências. Ser trans é, em muitos casos, não ir somente contra a heteronormatividade, mas sim a cisgeneridade, é ir contra o mundo binário que enxerga gênero como definitivo na personalidade de um indivíduo e o sexo biológico determinante no que o indivíduo se solidificará no futuro.

Ser enxergado como um indivíduo que nasceu errado, é algo muito avassalador para o sujeito. As pessoas trans escutam falas transfóbicas e sofrem atos de violência no seu cotidiano que afetam sua saúde mental. É necessário políticas públicas de saúde para essa comunidade, já que precisam de uma atenção mais específica. Portanto, a psicologia da saúde e a psicologia social são muito relevantes nesse aspecto, as pessoas trans necessitam desse suporte psicológico se desejarem fazer qualquer cirurgia e podem necessitar também da psicoterapia para outros fatores de sua vida (ARÁN, et al 2008).

Uma discussão importante é a necessidade de certificação psicológica e psiquiátrica para os procedimentos cirúrgicos das pessoas trans, algo que não acontece quando tais cirurgias são feitas em pessoas cisgêneros, que realizam cirurgia plásticas sempre que desejam. Sampaio, et al. (2012) afirma que para Butler, quando as condutas cirúrgicas são para reafirmar as normas

tradicionais do gênero, não há necessidade de um documento de certificação psiquiátrica ou psicológica.

É importante refletir nessa facilidade em que mulheres e homens cis tem de fazer cirurgias plásticas que modificam seu corpo, como tamanho das mamas, tamanho da bunda, entre outros lugares do corpo, porém quando se pensa na comunidade trans a dificuldade de fazer cirurgias para que se sintam bem em seus corpos é muito maior. Existe um grande estigma em quem realiza tais cirurgias, além da necessidade da certificação psicológica e psiquiátrica (SAMPAIO, et al. 2012).

Algo que perpassa todo o filme são os sentimentos de solidão, distanciamento, tristeza e saudade vivenciados pela personagem principal, há muitas cenas da personagem no carro sozinha chorando ou somente dirigindo. É possível perceber que ela tem poucas amigas em quem confia, tendo mais proximidade com sua irmã e uma amiga do trabalho, mas ainda sem poder contá-las tudo sobre sua vida.

Em uma das cenas Marina se olha em um espelho situado em meio às pernas, é nítido o sentimento de raiva que ela sente, não do seu corpo, mas da visão sempre hostil dos outros em relação ao seu corpo. Por ser vista como não-convencional pela sociedade, lhe são roubados direitos e Marina é colocada sempre à margem, sozinha.

O processo de luto é amplamente complicado para Marina, em algumas cenas do filme ela se encontra com Orlando, ele já falecido e ela imagina que ele está do seu lado. Mergulhados em luzes vermelhas, Marina encontra em seu sonho seu namorado e eles compartilham um beijo, quase como uma despedida, que ela tanto almejava e foi negada pela família dele.

Algo que afeta toda a comunidade LGBTQIA+ é a grande problemática da legalidade da sua relação ao Estado, é comum a falta de direitos mesmo em uma relação fixa por não ser visto como família pelo Estado, é um grande sofrimento em muitos países em que ser dessa comunidade ainda é um crime. Além dessas dificuldades muitos casais não legalizam sua relação por medo do que a sociedade ou família irá dizer, ou algum acidente acontece antes de poderem fazer isso.

No longa-metragem, Marina não ficou com nenhum pertence de Orlando, eles moravam

juntos e tinham o mesmo carro, porém ela não teve o direito de continuar com nada, por não estarem oficialmente casados. A personagem principal passa a morar na casa da irmã e do esposo temporariamente, se sentindo especialmente desamparada, pois não tem o apoio do marido da irmã. Durante a década de 90 e o começo dos anos 2000, alguns países começaram a descriminalizar a relação sexual entre pessoas do mesmo sexo, sendo a Holanda o primeiro e aos poucos o casamento de pessoas do mesmo sexo se tornou legal alguns países, porém atualmente ainda existem alguns países que não permitem esse relacionamento e a pode ser caso de pena de morte (NAGAMINE, 2019).

Uma cena crucial no filme ocorre após o funeral de Orlando, ao qual Marina foi proibida de ir, porém decidiu comparecer, por sentir necessidade de se despedir concretamente do parceiro. Contudo, a família de Orlando não permite que ela entre no local e no caminho pra casa ela é agredida fisicamente por três parentes do ex namorado, que acreditam que justificam sua forma de violência como necessário para ensiná-la uma lição.

A cena de violência física e sexual do filme é perturbadora e chocante, sendo dolorosa para quem assiste perceber que a família não retirou somente os pertences que dividia com seu namorado, mas sua dignidade. Os familiares sentiram a necessidade de agredi-la por ela ser uma mulher trans que tinha um envolvimento com alguém de sua família, é um exemplo violento de transfobia que é comum no Brasil.

Não é incomum o fato de que pessoas trans sofrem abusos e agressões físicas, em muitos casos os agressores não enxergam a pessoa trans como humano e sim um objeto, em outros casos o abusador acredita que essa agressão é para muitos uma forma de punição ou até aprendizado do agressor para a vítima.

Segundo a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, no Brasil, o nordeste é a região mais homofóbica, abrigando 43% das mortes da comunidade LGBTQIA+ no ano de 2013. Fazendo da população masculina negra, pretos e pardos da comunidade LGBTQIA+ a mais vulnerável à sofrer violência na região do Juazeiro do Norte e Crato, sendo 39,9% das vítimas (PARENTE et al, 2018).

Em uma cena de resistência e conflito direto com a família de Orlando, Marina consegue

o cachorro que era dela e do parceiro de volta sendo ele a única lembrança concreta do tempo em que viveu com seu namorado. O filme é um incrível símbolo de representatividade de uma comunidade que precisa ser ouvida e precisa de direitos, a cultura da atualidade precisa de recursos como filmes e seriados que falem de maneira mais aproximada e menos estereotipada sobre a vida daqueles e daquelas que são colocados à margem por não seguirem as normas regulamentares de gênero da sociedade.

O filme usa de muitos simbolismos e em uma das cenas Marina se mantém em pé lutando contra uma corrente forte de ar e ao seu redor vários papéis voam em direção contrária da que está se dirigindo. Essa cena representa a luta das pessoas trans que por sua simples existência, precisam resistir às adversidades enquanto seguem uma vida que vai contra a sociedade tradicional.

VI. CONCLUSÃO

Pode-se concluir que a comunidade trans sofre discriminações em seu cotidiano, em muitos momentos mascarados de bondade, tal agressão diária é extremamente maléfica para sua saúde mental, além de trazer uma solidão imensa para o indivíduo. Além das agressões diárias as pessoas trans, que estão dentro da comunidade LGBTQIA+ sofrem constantemente por conta do Estado, pela falta de políticas públicas e direitos dirigidos a essas pessoas. Porém, dentro dessas adversidades ainda é possível resistir e as pessoas trans mostram-se extremamente fortes mesmo rodeadas de tanta violência e continuam a resistir e transformar o mundo à sua volta.

Ao analisar o filme “Uma Mulher Fantástica” percebeu-se a existência de diferentes entraves que fazem parte do cotidiano de pessoas transexuais, transgêneros e travestis, onde o preconceito de uma sociedade intolerante e opressora se faz presente em pequenos detalhes, e em diferentes âmbitos do filme. Apesar da trama apresentar uma série de infortúnios na história da personagem Marina, a protagonista consegue mostrar sua resiliência ao longo da sua trajetória, e de como diante de toda a discriminação, a mesma conseguiu ser como o próprio título do filme diz: uma mulher fantástica.

Com isso, a pesquisa, relacionando a bibliografia com a análise filmica de “Uma Mulher Fantástica” por Sebastián Lelio pretendeu mostrar as dificuldades enfrentadas como pessoa trans, entre violências e solidão e como esse cotidiano afeta cada indivíduo de forma diferente. Porém ainda há possibilidade de persistir e transformar a cultura atual de uma sociedade ainda tão tóxica para uma comunidade tão grande e importante, que sempre existiu.

A psicologia como área de saúde é de extrema importância para discussões como as trazidas neste artigo e deve adentrar-se mais em temas relacionados à saúde mental de pessoas trans e da comunidade LGBTQIA+ no geral. É necessário um cuidado especial e essas reflexões teóricas são de grande relevância para o campo do fazer psicológico.

VII. REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, G. A.; PARENTE, J. S.; MOREIRA, F. T. L. S. Violência como violação dos direitos humanos de minorias sexuais: impactos na saúde. **Rev. Saúde.Com**, V. 13, N. 4, P. 1034-1043, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232009000400020&tlng=en> Acesso em 24 de junho de 2019.

ALMEIDA, M. A. O cinema policial no Brasil: entre o entretenimento e a crítica social. *Especiaria: Cadernos de Ciências Humanas*, 2007. v. 10 n. 17. Disponível em: <<http://periodicos.uesc.br/index.php/especiaria/article/view/864>> Acesso em 18 de Dez de 2020.

ANTRA. Mapa dos assassinatos de travestis e transexuais no Brasil em 2017. Disponível em: <<https://antrabrasil.files.wordpress.com/2018/02/relatc3b3rio-mapa-dos-assassinatos-2017-antra.pdf>> Acesso em 20 de setembro de 2020.

ÁRAN, M.; MURTA, D.; LIONÇO, T. **Transexualidade e saúde pública no Brasil**. Rio de Janeiro: Ciênc. saúde coletiva, vol.14, n.4, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232009000400020&lng=en&nr m=iso&tlng=pt> Acesso em 23 de agosto de 2020.

BRASIL, Ministério da Educação. **Protocolo do Ambulatório Multiprofissional para o Atendimento de Travestis e Transexuais - HUMAP**. 1 ed, 2018. Disponível em: <9e83c999-98ee-4a72-86eb-2f020f9f80cb (ebserh.gov.br)> Acesso em 16 de Dez de 2020.

CAMPOS, C. J. G. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Rev. bras. enferm.** Brasília , v. 57, n. 5, p. 611-614, Out. 2004.

Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672004000500019&lng=en&nrm=iso> Acesso em 18 Dez de 2020.

CARVALHO, T. S. V; COSTA JÚNIOR, I. C. A. **Psicologia Social: Conceitos, Histórias e Atualidade**. 2017. Disponível em: <<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0421.pdf>> Acesso em: 30 de abril de 2020.

CHAGAS, E. N., DO NASCIMENTO, T. E. P. (IN)VISIBILIDADE TRANS: Uma breve discussão acerca da transfobia na vida de travestis e transexuais. **VIII Jornada Internacional de Políticas Públicas**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v20n1/a08v20n1.pdf>> Acesso em 2 de abril de 2018.

FIGUEIREDO, R; SCHWACH, K; WOLFE, B. M; MCBRITTON, M; MARQUEZINE, I. M. Mudança de Nome Social de Pessoas Transgêneras: identidade de gênero para além da biologia. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 11, n. 17, 29 jan. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/11349>> Acesso em 18 de Dez 2020

JESUS, J. G. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos** [Online]. Goiânia: Ser-Tão/UFG, 2012. Disponível em: <[http://www.diversidadessexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/G%C3%8ANERO-CONCEITO S-E-TERMOS.pdf](http://www.diversidadessexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/G%C3%8ANERO-CONCEITO-S-E-TERMOS.pdf)> Acesso em: 09 de março de 2020.

LONGARAY, D. A.; RIBEIRO, P. R. C. Espaços educativos e produção das subjetividades gays, travestis e transexuais. **Revista Brasileira de Educação**, v. 20, n. 62, 2015. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v20n62/1413-2478-rbedu-20-62-0723.pdf>> Acesso em 12 de junho de 2018.

Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: **DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: [http://www.niip.com.br/wp-content/uploads/2018/06/Manual-Diagnostico-e-Estatistico-de-Transtor nos-Mentais-DSM-5-1-pdf.pdf](http://www.niip.com.br/wp-content/uploads/2018/06/Manual-Diagnostico-e-Estatistico-de-Transtor-nos-Mentais-DSM-5-1-pdf.pdf)> Acesso em 18 de Dez de 2020.

MENDLOWICZ, Eliane. **O luto e seus destinos**. Ágora (Rio J.), Rio de Janeiro , v. 3, n. 2, p. 87-96, Dez 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982000000200005&lng=en&nrm=iso> Acesso em 21 Out 2020.

MOURA, A. L. et al. **As Dificuldades das Transexualidades na Inserção ao Mercado de Trabalho**. XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul. Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/sul2019/resumos/R65-0012-1.pdf>> Acesso em 14 de nov de 2020.

NAGAMINE, Renata Reverendo Vidal Kawano. Os direitos de pessoas LGBT na ONU (2000-2016). **Sex., Salud Soc. (Rio J.)**. Rio de Janeiro, n. 31, p. 28-56, Apr. 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-64872019000100028&lng=en&nrm=iso> Acesso em 13 Dec. 2020.

OLIVEIRA, A. S. Q. **A subjetividade oblíqua da transexualidade: as limitações intra familiar/social/corporal do ser transexual**. In: **Interfaces dos gêneros e do sujeito: construindo relações filosóficas e socioeducacionais no âmbito brasileiro**. Mossoro, RN: EDUERN, 2017. Disponível em: [http://www.uern.br/controldepaginas/edicoes-uern-ebooks/arquivos/1205livro_interfaces_de_gane ros.pdf#pag](http://www.uern.br/controldepaginas/edicoes-uern-ebooks/arquivos/1205livro_interfaces_de_gane_ros.pdf#pag)> Acesso em 4 de junho de 2018.

PARENTE, J. S.; MOREIRA, F. T. L. S.; ALBUQUERQUE, G. A. Violência física contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no interior do nordeste brasileiro. **Revista de Salud Pública** [online]. 2018, v. 20, n. 4, pp. 445-452. Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/rsap/2018.v20n4/445-452/>> Acesso em 18 Dez de 2020.

PENAFRIA, M. **Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s)**. In: VI Congresso SOPCOM, Lisboa, 2009. Anais eletrônicos... Lisboa, SOPCOM, 2009. Disponível em: <<http://www.bocc.uff.br/pag/bocc-penafria-analise.pdf>> Acesso em 18 de out. de 2020.

PICKETT, B. L. The A to Z of homosexuality. Plymouth, UK: Scarecrow Press, Inc. 2009.

PINHO, R.; PULCINO, R. **Desfazendo os nós heteronormativos da escola: contribuições dos estudos culturais e dos movimentos LGBTTT**. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 42, n. 3, p. 665-681, Sept. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022016000300665&lng=en&nrm=iso> Acesso em 18 Dez de 2020.

ROCON, Pablo Cardozo; RODRIGUES, Alexsandro; ZAMBONI, Jésio and PEDRINI, Mateus Dias. **Dificuldades vividas por pessoas trans no acesso ao Sistema Único de Saúde**. Ciênc. saúde coletiva [online]. 2016, vol.21, n.8, pp.2517-2526. ISSN 1678-4561. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/csc/v21n8/1413-8123-csc-21-08-2517.pdf>> Acesso em 10 de nov 2020.

SAMPAIO, Liliana Lopes Pedral; COELHO, Maria Thereza Ávila Dantas. **Transexualidade: aspectos psicológicos e novas demandas ao setor saúde**. Interface (Botucatu), Botucatu, v. 16, n. 42, p. 637-649, Sept. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832012000300005&lng=en&nrm=iso> Acesso em 20 Out 2020.

STAMATO, A. B. T; STAFFA, G; VON ZEIDLER, J. P. **A Influência das Cores na Construção Audiovisual.** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Bauru, SP. Março, 2013. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R38-1304-1.pdf>> Acesso em 30 de junho de 2021.

ZUCCHI, E. M. et al. **Bem-estar psicológico entre travestis e mulheres transexuais no Estado de São Paulo, Brasil.** Cadernos de Saúde Pública [online]. 2019, v. 35, n. 3. Disponível em: <<https://scielosp.org/article/csp/2019.v35n3/e00064618/#ModalArticles>> Epub 25 Mar 2019. ISSN 1678-4464. Acesso em 18 de Dez 2020.